

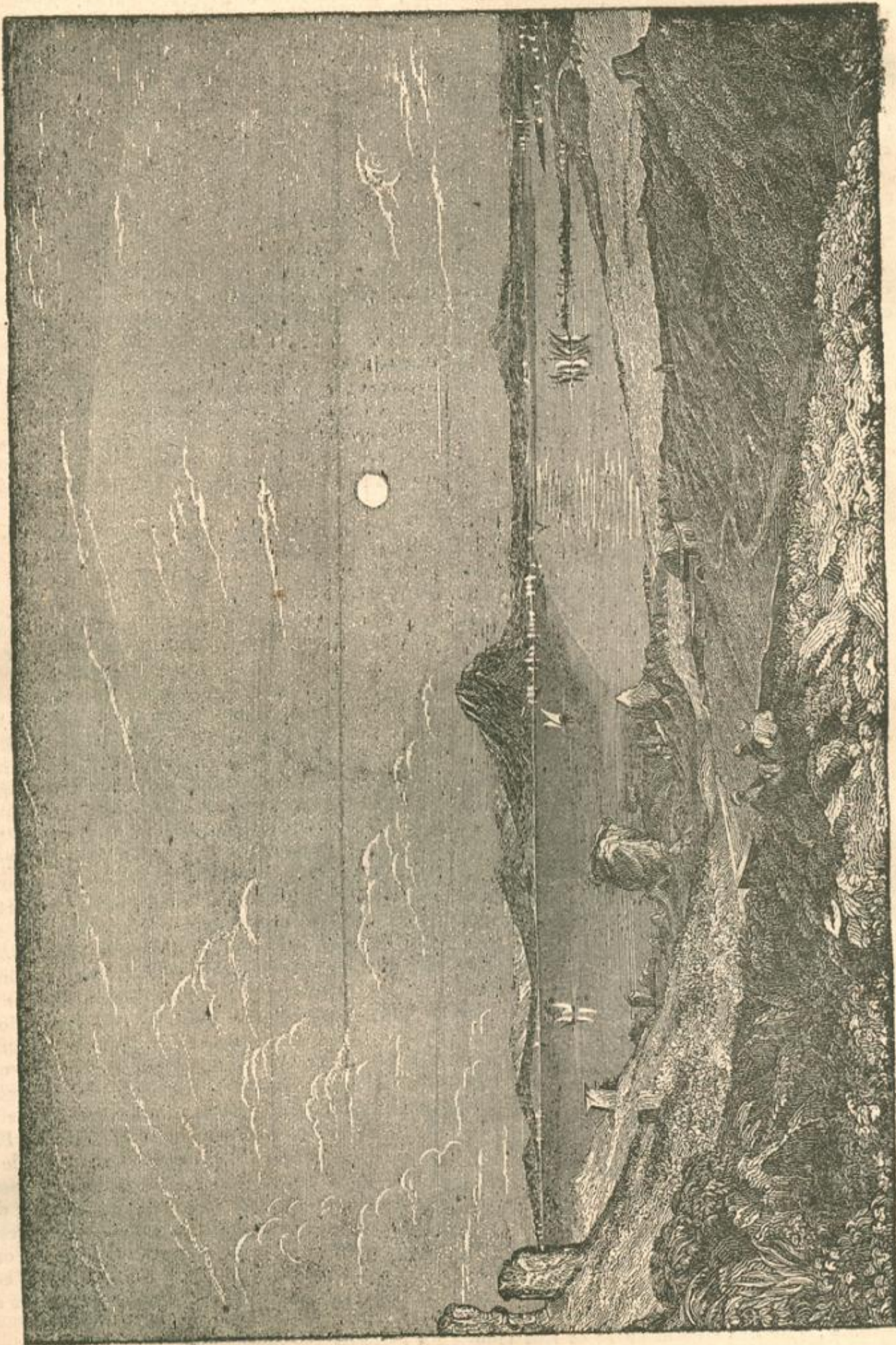
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA
Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

135)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (NOVEMBRO 30, 1839)



CARTHAGO NA COSTA D'AFRICA.

CARTHAGO.

QUANTAS recordações suscita o nome da poderosa republica, oriunda de Tyro, opulenta e commercial como a mãe-patria, de quem herdou o imperio dos mares! Prospera, rica, e respeitada, floresceu por sete seculos; mas no recinto da orgulhosa Roma, que já começava a invadir o mundo, se pronunciou a fatal phrase: *delenda est Carthago: Carthago ha-de ser destruida*: e depois de tres porfiadas guerras a cidade africana desapareceu d'ante a sua rival; foi arrasada pelos fundamentos. Não lhe valeram os recursos das colonias, das immensas riquezas, e de um vastissimo commercio, nem a fortaleza dos muros, nem a pericia e amor-patrio dos generaes. Carthago tinha os defeitos communs a todos os povos traficantes e egoistas; era soberba, oppressora, desconfiada e ingrata: estes defeitos cavaram a sua ruina. Os seus visinhos mais a temiam do que a respeitavam; os seus alliados o eram mais por necessidade que por communitate d'interesses, e todos suspiravam por sacudir um jugo odioso. Nimiamente ciosa d'auctoridade pagou aos seus homens illustres com destellos e morte; toda embebida no commercio só cuidou em estabelecer colonias, sem augmentar territorio com que creasse um poder solido crescendo o numero dos cidadãos affeioados á patria. As suas tropas eram estrangeiros mercenarios, gente que não podia interessar-se profundamente pela causa publica, com a grandissima desvantagem nascida da falta de unidade no exercito, composto de tropas de mui diversas nações. Taes vicios na constituição politica e militar eram radicaes; e facilmente se comprehendrá que um poder com taes alicerces não subsistiria por longos tempos.

Na Sicilia começou a guerra entre romanos e carthaginezes pelos annos 264 antes da era vulgar, e 477 da fundação de Roma. A republica de Carthago senhoreava as duas costas do Mediterraneo, porque alem do que possuia em Africa se dilatava pelas Hespanhas, occupando ao mesmo tempo a Corsica e a Sardenha: invadia tambem a Sicilia, e ameaçava a Italia. Estes progressos originaram as guerras punicas, em cujos intervallos se fizeram tractados, sempre de parte a parte celebrados com insigne má-fé, ainda que a imputação de dolo recaisse mais sobre os carthaginezes, de fórma que passou em proverbio *a fé punica*, ou carthagineza, para denotar fraude, e dobrez nos contractos.

Nesta primeira guerra, que durou vinte e tres annos, aprenderam os romanos a tactica naval, e o consul Duilio desbaratou a frota de Carthago. Depois de varia fortuna, o consul Lutacio, vencendo uma batalha, conquistou para os romanos a preeminencia maritima; Carthago ficou tributaria, e evacuou a Sicilia, que os romanos occuparam, á excepção dos dominios de Hierão, seu alliado. Finda a guerra estiveram os carthaginezes, na ausencia de seu capitão Amilcar Barca, ás bordas da extrema ruina, pela sublevação das tropas estrangeiras, amotinadas por falta d'estipendio. Amilcar veio domar os rebeldes, mas a republica perdeu a Sardenha, que a guarnição entregou aos romanos. Eis-aqui como, depois de seis seculos de prosperidade, Carthago declinava.

No meio destas oscillações o poder carthaginez na Hespanha vacillava, Amilcar o restabeleceu passando á peninsula com seu filho, o famoso Annibal; morreu porem n'uma batalha contra os vetões, povos da nossa Lusitania, que uns situam entre os rios Douro e Tejo, outros entre o Tejo e o Guadiana (*).

(*) Os eruditos podem consultar a este respeito o opusculo: *Conjecturas sobre a medalha veto*, por Fr. Vicente Salgado, religioso da Terceira Ordem.

Asdrubal foi o successor de Amilcar, e continuou com victorias successivas a fortalecer na Hespanha o dominio da sua patria. O fogoso e valente Annibal, a quem seu pae fizera jurar odio eterno aos romanos, tomou o commando por morte de Asdrubal, contando apenas 25 annos de idade: sem respeito aos tractados accommetteu Sagunto, alliada de Roma; e Carthago, restabelecida pelos esforços dos seus illustres generaes, desattendeu as reclamações da sua rival. Começa então a segunda guerra punica, que teve de duração 19 annos. Annibal, com rapidez e constancia pasmosas, atravessa os Pyreneus, toda a Gallia transalpina, os Alpes, e cae como um raio sobre a Italia: perdem os romanos quatro batalhas, todos os seus confederados os desamparam, e chegam ao extremo apuro. Annibal, tendo vencido em Cannas, enviou a Carthago tres fangas d'anneis dos cavalleiros romanos mortos no combate. Neste perigo deveu Roma a salvação aos erros do general contrario e a tres insignes varões. Annibal descançou engolfado nas delicias de Capua, que ficaram servindo de adagio para a posteridade. Fabio Maximo salvou a patria com suas prudentes retiradas, que lhe grangearam o cognome de *cunctator*, o *temporisador*. O consul Marcello fez levantar o cerco de Nola, e tomou Syracuse. Scipião o moço, domada a Hespanha, foi triumphar na Africa, e constringer os carthaginezes a pedir a paz: donde veio o ser apellidado o *Africano*.

O capitão carthaginez, vencido e expulso da patria, refugiado em casa de Prusias, rei de Bythinia, matou-se com veneno para não ser entregue aos romanos.

Passados cincoenta e um annos depois da segunda, suscitou-se a terceira e ultima guerra punica; Scipião Emilianio, neto por adopção do grande Scipião, e que adquiriu igualmente a antonomasia de *africano*, combateu contra Asdrubal e Famea com prospera fortuna, foi destro e prudente na guerra, e notavel por sua inteireza e outras qualidades. No fim de tres annos de campanhas Scipião tomou e arrazou completamente a soberba Carthago, setecentos annos depois que fôra edificada. Eram afamadas as fortificações desta cidade: estava n'uma lingua de terra, no sitio onde hoje está a povoação mourisca de Alalkat. Muralhas torreadas a circumdavam, e pegadas com ellas havia accomodações para 300 elephantes e 4:000 cavallos, e quartéis para 20:000 infantés e 4:000 cavalleiros. Tinha dois portos unidos por um canal pequeno, e no centro do porto militar uma ilha com o palacio do almirante, e locaes para abrigar as galés. A cidadella chamada Byrsa estava assentada sobre uma eminencia, pouco distante do templo d'Esculapio, onde a mulher de Asdrubal se apunhalou e a seu filhos, para não sobreviver á ruina da patria e á ignominia do seu cobarde esposo. A lingua punica parece ter sido um dialecto do antigo chaldeu, segundo póde colligir-se de um fragmento conservado n'uma comedia de Terencio, unico monumento salvo da destruição. Em modernas excavações, feitas nas ruinas da cidade, acharam-se vasos fabricados com elegancia, cippos funebres, e pedras gravadas com figuras do sol, da lua, e de varias constellações, e em muitas representado um cavallo, e a mão de um homem com os dedos afastados. Alguns destes fragmentos, assim como os troços de bellas columnas, estão depositados em varios museus, especialmente em Leyde.

Carthago foi opulenta, foi poderosa no mundo; mas que subsiste hoje dessa grandeza antiga?... Sirva-mo-nos das expressões do grande poeta da nossa idade, Mr. de Lamartine; — “A vista nada

mais descobre do que um promontorio escalvado, que surge sobre o mar deserto, alguns poços vazios ou cheios com os proprios entulhos, alguns molhes devastados pelas ondas e cubertos pela maré, e alli proxima uma povoação barbara, onde os nomes antigos são desconhecidos, como acontece aos homens que vivem muito, que vem a ficar como estranhos na propria patria. Basta porem o passado onde brilha tamanho esplendor de recordações. Quem sabe se eu preso mais este chão solitario, desamparado no meio de suas ruinas, do que profanado e perturbado pelo alboroto e a chusma das novas gerações?... As ruinas são como os tumulos: — no meio do tumulto d'uma vasta cidade e do lodo de nossas ruas, afligem e contristam a vista; lançam uma nodoa em toda essa vida estrondosa e agitada: — mas na solidão, á beira-mar, sobre um cabo deserto, n'uma praia bravia, tres pedras, amarellecidas pelos seculos e despedaçadas pelos raios, fazem reflectir, pensar, meditar ou chorar. A solidão e a morte, a solidão e o passado, que é a morte das cousas, combinam-se necessariamente no espirito humano: a sua concordancia é uma harmonia mysteriosa. Eu prefiro o promontorio despido de Carthago, o cabo melancholico de Sunium, a praia nua e infestada de Pæstum, para collocar as scenas dos tempos que passaram, aos templos, aos arcos, aos colyseus de Roma morta, calcados aos pés em Roma viva com a indifferença do habito ou a profanação do esquecimento.” —

INDIGENAS DO BRASIL.

II.

SE as tribus indigenas, que os europeus encontraram ao longo das costas do Brasil, fazem pouca differença na linguagem, tambem muito se assemelham em opiniões e crença, usos e costumes.

1.^o—*Opiniões e crença.*—Em grave empreza se metteram os que tentaram descrever as opiniões e crença dos indigenas brasileiros. Descortinar o intimo pensamento de outrem é sem duvida uma das maiores difficuldades, que a toda a hora qualquer de nós encontra, quer com os presentes tracte fallando, quer com os mortos e ausentes lendo. A linguagem é sim o espelho do pensamento, mas um espelho tão embaçado, que desfigura e altera notavelmente o objecto, que reflecte. Se isto acontece entre homens, que vivem no gremio do mesma sociedade, na mesma povoação, na mesma casa, aonde a identidade da posição identifica tambem o pensamento e a linguagem; que fará entre homens, cuja posição é tão encontrada, que quasi parecem pertencer a especies diferentes! Em grave empreza pois, torno a repetir, se metteram os que tentaram descrever as opiniões e crença dos indigenas brasilicos. Todavia houve quem rompesse por todas as difficuldades, quem decifrasse a enredada linguagem, e penetrasse nas intimas cogitações desses homens de nova raça, ferozes e destemidos, que habitavam no tempo da conquista as costas do Brasil. Foram os missionarios, e missionarios jesuitas, quem nos deixou a este respeito mais miudas e mais bem ordenadas narrações. Em apontamentos de alguns destes primeiros domadores da barbaridade americana achamos declarado que os gentios não teem conhecimento do principio e creação do mundo. Alguma noticia parecem ter do diluvio, mas escura e confusa. Dizem que as aguas afo-garam e mataram todos os homens, e que somente um escapou sobre uma arvore com uma sua irmã grávida, e que destes dois começou de novo a multiplicação. Não teem conhecimento algum do crea-

dor e por tanto nem ceremonias nem culto divino. Mas sabem que teem alma, e que esta não morre: e teem para si que depois da morte vão todas a uns campos, aonde ha muitas figueiras ao longo d'um formoso rio, e todas junctas não fazem outra cousa senão bailar. Ao demonio chamam *cururupirá*, *taguaibá*, *macacherá*, *anhangá*: e affirmam missionarios que é tal o medo que lhe teem, que só de imaginarem nelle chegam a morrer. Não teem idolos, nem adoram a creatura alguma. Aparecem entre elles alguns curandeiros, presumidos de feiticeiros e encantadores, e por tal arte sabem ganhar a sua confiança, que chegam a trazer apoz si todo o sertão. Desenganados porem os que os seguem da sua impostura, ou os largam, ou acabam com elles; sem que todavia a primeira logração lhes sirva de escarmen-to para evitarem outras em casos semelhantes.

2.^o—*Habitações.*—Vivem em aldeas, e em cada uma ha um chefe ou principal, a cujo mando obedecem somente na guerra, porque na paz cada um faz o que quer. Formam casas de madeira cobertas de palma, das quaes chegam algumas a ter 200 a 300 palmos de comprimento, teem duas e tres portas muito pequenas e baixas. Estas casas são divididas em lanços de 25 a 30 palmos quadrados. Em cada lanço pousa um casal com seus filhos e familia, sem haver repartimento entre uns e outros. Entrar em uma destas casas é ver um labyrintho, porque cada lanço tem seu fogo e suas redes armadas e alfaias, de modo que entrando nelle se vê tudo quanto tem: e casa ha que aloja 20 e mais pessoas. Toda a gente de uma casa reconhece obediencia a um cabeça, que é sempre indio antigo e aparentado. Teem [diz um nosso antigo escriptor] uma condição muito boa para frades franciscanos, porque o seu fato e quanto teem é commum a todos os da sua casa, que querem usar delle, assim das ferramentas, que é o que mais estimam, como das suas roupas, se as teem, e do seu mantimento, e quando estão comendo pode comer com elles quem quizer, ainda que seja contrario, sem lho impedirem, nem fazerem por isso carranca. Não vivem em cada aldea mais do que em quanto lhe não apodrece a palma das casas, que dura tres ou quatro annos; e depois passam a aldea a outra parte.

3.^o—*Hospedes.*—Teem por grande honra agazalhar a todos. Quando qualquer hospede lhe entra em casa fazem-no recostar em uma rede, e lhe dão de comer. As mulheres ao principio pranteam-no em altas vozes, mas depois limpam as lagrymas, e ficam tão quietas, modestas, serenas, e alegres, que parece nunca choraram: e logo saudam e dão as boas vindas ao hospede, com o qual trava então conversação o dono da casa deitado em outra rede juncto delle: e em torno se reúnem assim as pessoas da familia, como os outros vizinhos da aldea, que querem ouvir as novas. Acabada a pratica do dono da casa cabe aos outros fallar com o hospede, e interroga-lo sobre os motivos e successos de sua viagem. Ao outro dia se juncta o dono da casa com os outros chefes da aldea em outra casa differente, e fazem conselho para decidir se o hospede vem com bom ou mau destino. No 1.^o caso dão-lhe todo o necessario para sua sustentação, e o presenteam com arcos, frechas, passaros, pennas e outras cousas. No caso contrario, de maravilha escapa que o não matem.

4.^o—*Comer e beber.*—Sua sustentação é ordinariamente do que dá a terra sem maior trabalho; como caça, pescado, e fructas; posto que tambem plantam alguns legumes. São de muito boa boca, e não se enjoam de comer cobras, sapos, ratos, e outros bixos. Comem assentados, ou deitados nas redes, ou em cocaras no chão. Gostam excessivamente de vi-

nho, o qual preparam de todos os seus legumes, e até da farinha: mas o principal é de uma raiz, a que chamam *aipim*. De ordinario não bebem em quanto comem, mas depois de comer bebem agua ou vinho, e este sem regra nem modo, e até caírem; principalmente se é em dias das suas festas, que todas se resolvem em beber, donde de ordinario procedem grandes desordens e desmanchos. O pouco trabalho, que teem em grangear o sustento lhes facilita o comerem a toda a hora e momento, que lhes apetece, e os torna pouco providentes em guardarem alguma porção para outra vez. Mas ao mesmo tempo se alguma vez lhes falta o comer são muito soffridos com fome e sede.

5.^o—*Dormir*.—As camas são umas redes de algodão suspensas no ar. Dormem sem cobertura alguma quer no verão, quer no inverno; mas neste tempo accendem fogo debaixo. Agasalham-se cedo, e não madrugam muito. Pela manhã ha um principal, que deitado na rede por espaço de meia hora lhes prega e admoesta que vão trabalhar, como fizeram seus antepassados, e depois de levantado continua a pregação correndo a povoação toda. Tomaram [dizem] este costume de um passaro, que se parece com os falcões, o qual canta de madrugada, e lhe chamam rei e senhor dos outros passaros; e accrescentam que assim como aquelle passaro canta de madrugada para ser ouvido dos outros, assim convem que os principaes façam aquellas pregações para serem ouvidos dos seus.

6.^o—*Enfeites*.—Andam nus, e mesmo assim se enfeitam! Usam muito tingir e pintar o corpo com tinta de genipapo, que é de cor negra. Não deixam crescer nenhum cabello no corpo, e os arrancam todos. Na cabeça uns trazem-no comprido com uma meia lua rapada por diante, outros fazem certos generos de coroas e circulos, que parecem frades; mas sempre os mesmos na mesma tribu, de maneira que pelo modo de se tosquiarem se conhecem as nações. As mulheres porem todas teem os cabellos compridos. Mas quando andam anojados, as mulheres cortam os cabellos, e os homens deixam crescer os seus. Usam muito de enfeites de pennas, e com almecega ou cera as pegam na cabeça e em outras partes do corpo. Depois de homens atravessam os beigos e as faces com pedras de cores, redondas, e compridas, que ás vezes lhe dão pelos peitos; e é ordinario em os grandes principaes terem um palmo e mais de comprimento. Nas orelhas metem como arrecadas umas pedras brancas igualmente compridas; com o que tudo ficam disformes e horrendos. Usam tambem de collares, braceletes, e manilhas de busios brancos. Fazem collares dos dentes dos contrarios, que mataram, e chegam a trazer junctos dois e tres mil dentes. E nos pés poem cascaveis de certas hervas da feição de castanhas, cujo tinido se ouve muito longe.

7.^o—*Casamentos*.—Para ficarem casados não usam de outra cerimonia mais do que dar o pae a filha ao genro, e irem viver para o seu lar da casa como marido e mulher. Quando morre algum que é casado, é obrigado o irmão mais velho a casar com sua mulher, e por esta forma sempre o parente mais proximo. Em igual consideração teem o parentesco de tios e sobrinhos que o de paes e filhos. Os indios principaes teem mais de uma mulher, e quem mais mulheres tem, se tem por mais honrado. Deu muito que fazer aos theologos e missionarios o saber se deviam ou não reputar-se verdadeiros matrimonios estes ajunctamentos, e qual das mulheres se devia considerar legitima, quando se convertiam á fé. Entre as mulheres ha ás vezes algum ciume; mas as que mais se prezam de querer bem a seus maridos, mos-

tram-se isentas desta paixão, e chegam até a procurar-lhes outras mulheres. Os homens tambem ainda que achem outrem com suas mulheres, não matam a ninguem por isso, e quando muito espancam a mulher pelo caso. Desta sorte podemos applicar aos brasis o que dos Malabares faz dizer a Monçaide o principe dos nossos poetas

Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciumes offendidos.

Lus. Cant. 7. Est. 41.

Contam porem nossos antigos escriptores taes horrores da incontinençia destes barbaros, que excedem a toda a comprehensão; mormente se reflectir-mos nos pomposos encomios ás virtudes do *homem da natureza*, que por ahi se leem nesses philosophos, os quaes carregam a pobre sociedade com as culpas de todos os crimes e vicios. Mas nem só ha theologos asceticos; os philosophos tambem o não são pouco. Encerrados entre quatro paredes fingem um mundo a seu talante, e ás cegas se engolfam no profundo pelago da contemplação. Sahi do vosso gabinete, philosophos, percorrei o mundo, estudaí os homens e as cousas, e generalisai depois, que eu vos fio será então a vossa generalisação a expressão abstracta dos factos, *a verdade*. Se assim tivesse praticado Rousseau, não faria um semideus do homem barba-ro: nem Roussel negaria factos vulgares e irrefragaveis só para escórar uma theoria cerebrina e sem realidade. Porem isto de philosophos é gente mui ruim de contentar. Passemos adiante; e voltemos aos nossos brasis, que no meio da sua fereza conhecem e respeitam a razão, quando lhe é convenientemente apresentada.

8.^o—*Nascimento e criação dos filhos*.—As mulheres não se resguardam por occasião do parto. Parem em qualquer parte, e logo se vão ao rio ou á fonte lavar-se a si e á criança, a quem o pae toma, e lhe corta a envide. Depois entram a jejuar até que cáia o embigo á criança, que é de ordinario até oito dias, e o pae durante este tempo se conserva na sua rede muito abafado, tendo para si que esta cautella é mui efficaz para livrar o recém-nascido de doenças. As mães dão de mamar a cada filho até parirem outro, e os trazem metidos n'uns pedaços de rede, que chamam *tipoya*, e assim os levam para toda a parte. Estimam muito os filhos, nem os castigam por cousa alguma.

9.^o—*Industria*.—Fazem algumas roças, onde plantam mantimentos. Fabricam as suas armas, e outros trastes de seu uso. Antes de tractarem com os europeus não tinham instrumentos de ferro, mas serviam-se para cortar das madeiras mais duras. São grandes caçadores de arco e frecha, e tão insignes frecheiros que não erram pontaria. São tambem muito ageis em saltar e trepar, grandes corredores, e optimos marinheiros. Aprendem com muita facilidade o que lhes ensinam os europeus.

10.^o—*Divertimentos*.—Nas suas festas cantam, tocam, e bailam. Os instrumentos de que usam são uma matraca, ou uma especie de pandeiro formado de cabaço com pedrinhas dentro e com seu cabo. O seu bailar é um continuo bater de pés, estando que-dos, ou andando ao redor com muita serenidade e compasso. Estimam muito os bons musicos e trovadores; e posto que inimigos sejam, não os matam nem perseguem, antes os agasalham bem.

11.^o—*Fumar*.—Muito estranho foi para os europeus o uso de *beber fumo*, e o contam como uma das maiores singularidades dos costumes brasileiros. Bem pouco pensavam elles que toda a Europa havia um

dia imitar o gentio do Brasil; e que nas folhas do *petume* ou *petimá* [tabaco] se haviam descobrir, além das virtudes medecinaes, outras virtudes politicas, que chegassem a influir nos destinos das nações. Por todas estas rasões lhe assenta bem o nome de *herba sancta*. Entre a sanctidade da herba e o uso de a fumar já um jocosos achou mui estreito parentesco, quando disse

Venisti è caelo, in patriam tornare desejas,
Atque herba in sancto sancta sedere loco.
Non potes ad superos, velut herba, subire logares:
Hos privilegios nihil, nisi fumus, habet.
Cumque, nisi ut fumus, nequeas lograre quod optas,
His solet intentis ferre cachimbus opem.
Ferrão.—Macarronea.

Os usos da guerra, e as ceremonias, que praticam quando comem carne humana, formarão um artigo separado.

J. H. da Cunha Rivara.

SOBRE A CÔR DAS AGUAS DO MAR-ROXO, OU VERMELHO.

QUANDO em o N.º 133 tractámos da navegação da Europa á India pelo Mar-roxo, não inserimos a passagem do Roteiro de D. João de Castro, que vamos trasladar, por não fazer mais extenso aquelle artigo, já bastante longo. Agora a transcrevemos para appresentar aos leitores uma prova do saber e curiosidade com que tão insigne varão indagava ácerca de semelhantes objectos. —

«Antes que nos partamos do Sino Arabico, ou estreito de Meca, que é o mesmo, será justo dizer alguma cousa do que me parece e tenho visto ácerca da rasão, que moveu aos antigos chamarem a todo este mar o Mar-roxo ou vermelho, e assim mesmo se a sua côr é diferente de toda a outra do grande oceano, ou não. Plinio, no livro 6.º da natural historia, cap. 23, refere muitas e diversas opiniões, por onde a gente chamou a este estreito Mar-vermelho: a primeira é que tomou este nome de um rei que nelle reinou, chamado *Erythra*, porque *erithro* em grego quer dizer vermelho; outra opinião foi que da grande reverberação dos raios do sol nasceu uma côr vermelha a este mar. Alguns tiveram que d'areia e terra, que vai ao longo delle. Tambem creram outros que esta agua de sua propria natureza era vermelha, pelo que cobrou o nome todo este mar. Destas opiniões escolheram os escriptores a que lhes mais quadrou e pareceu mais certa. Ora os portuguezes, que navegaram por aqui os tempos passados, affirmavam este mar ser todo manchado d'umas malhas muito vermelhas. A causa que attribuiam a isto é esta: diziam que a terra da costa do arabio era de seu natural muito vermelha, e que, como quer que nesta terra se armassem muitas trovoadas e erguessem grandes poeiras para o ceu, depois de muito alevantadas, empuxadas da força dos ventos, iam cair no mar, e sendo este pó vermelho, tingiam a agua delle, pelo que foi chamado Mar-roxo. Eu, tanto que cheguei a Soccotorá, até ensecar as praias deste mar, e me pôr diante de Suez, jámais dia nem noite deixei de considerar nestas aguas, e contemplar a côr e maneira da terra, que vai ao longo da ribeira. E certamente que para nenhuma cousa tive tamanho alvoroço, como para empregar meu trabalho em alcançar a verdade destas cousas e esquadriñar a occasião dellas: e o que tirei de minha dili-

gencia, e tenho visto clarissimamente muitas vezes é o seguinte. Primeiramente é falso dizerem que a côr da propria agua deste mar é vermelha; porque nenhuma differença tem da côr, que nos mais tem toda outra agua do mar. E quanto a dizerem que as poeiras que os ventos arrebatam da terra, e lançam no mar, tingem a agua onde caem, até agora não vimos tal cousa, vendo muitas trovoadas alevantarem estas poeiras e botarem-nas no mar, porem não mudarem as ondas delle a sua côr por esta causa. Quanto a dizerem que a terra e a areia, que está sobre a costa do mar seja vermelha, não observaram bem as praias e costas; porque geralmente por uma banda e outra a terra de sobre o mar é parda, muito escura e parece esturrada, e em alguns logares se mostra preta e n'outros branca, e a areia tem sua propria côr; mas somente em tres logares vão uns pedaços de serra, que levam uns vieiros vermelhos, onde não chegaram portuguezes, excepto estes que o dia d'hoje cá andámos, os quaes logares estão todos muito ávante de Suaquem, *scilicet*, contra Suez e cabo deste mar. Porem as tres serras, que mostram esta côr vermelha, são de um rochedo muito forte, e logo por derredor toda a terra, que vemos, é da côr commum e acostumada: e quem quizer saber onde isto é leia este roteiro. Mas a verdade destas cousas é que a agua deste mar, substancialmente tomada, nenhuma differença tem da outra em sua côr, porem em muitas partes delle, por accidente, vem as suas ondas parecer muito vermelhas o que se causa por esta maneira. Da cidade de Suaquem até Alcocér, que será caminho de 136 leguas é o mar todo coalhado de restingas e parceis, e o fundo destas restingas é de uma pedra, chamada pedra coral, a qual nasce em umas arvores e pinhas, lançando para uma parte e outra umas pernas muito grandes propriamente como faz o coral; e é esta pedra tão semelhante a elle que enganará toda pessoa que não fôr muito prática em seu nascimento e natureza. A côr destas pedras é em duas maneiras, uma muito branca a maravilha, e a outra grandemente vermelha. A logares jaz esta pedra cuberta de um musgo muito verde, e n'outros livre e desembarçada desta erva. O qual limo ou musgo em umas partes está muito verde e n'outras faz uma côr e co-dea muito alaranjada; agora havemos de presuppôr que a agua deste mar, especialmente de Suaquem para cima, é a mais clara que jámais foi vista outra, de modo que a 20 braças se parece o fundo em muitas partes. Isto presuppôrto, havemos de saber que onde quer que nos appareciam estas restingas e parceis, a agua, que estava em cima, se mostrava de tres côres, *scilicet*, vermelha, verde ou branca, o que nascia do fundo, que jazia debaixo, como vi muitas vezes por experiencia; porque, se o fundo destas restingas era areia, causava que o mar, que havia em cima, parecesse branco; e o fundo em que jazia pedra coral cuberta de limo verde dava uma côr á agua, que a cubria, que parecia mais verde que aservas: mas onde quer que as restingas eram de coral vermelho, ou de pedra coral, cuberta de musgo vermelho e roxo, fazia parecer todo o mar, que estava em cima, muito vermelho. E porquanto esta côr vermelha comprehendia maiores espaços por este mar que a verde e branca, por caso que a pedra das restingas era a maior parte de coral vermelho, creio ser a rasão, porque ganhou o nome de Mar-roxo, e não de verde, nem de branco: posto que todas estas côres represente este mar perfeitissimamente. O modo, que tive para alcançar este segredo, foi surgir muitas vezes em cima das restingas, onde me o mar parecia vermelho, e mandar

mergulhadores, que me trouxessem as pedras, que jaziam no fundo; e as mais das vezes era o fundo tão baixo que tocava o catur, e outras andavam os marinheiros por cima das restingas meia legua, dando-lhe a agua pelos peitos; onde acontecia que todas ou a maior parte das pedras, que arrancavam, eram de coral vermelho, e outras de coral cuberto de musgo alaranjado. E a mesma prática tinha onde quer que o mar parecia verde, e achava pedra coral branca; cuberta de limo muito verde; e no mar branco achava areia muito alva, sem outra mistura alguma. Do que podia nascer que dando alguns navegantes relação da côr vermelha, que viam por este mar, como da maior e mais compendiosa de todas, ignorando a causa, ou não a querendo offerecer, por acrescentarem admiração a suas navegações e caminhos, e virem os homens não somente a conhecer este mar por nome de mar vermelho, mas crerem que as aguas delle fossem de seu natural vermelhas.

«Tenho muitas vezes praticado com pilotos mouros e pessoas curiosas de antiguidades, que moravam em alguns logares deste estreito, sobre o nome deste mar, todos me disseram não lhe saberem outro que mar de Meca, e espantavam-se muito de nós-outros lhe chamar-mos Mar-roxo. Perguntei aos pilotos se achavam que seria o mar manchado de vermelho das poeiras, que os ventos traziam da terra? Responderam-me que não viam tal cousa. Com tudo isto não reprove a opinião dos portuguezes; mas affirmo que andando por este mar mais tempo do que elles andaram, e vendo todo seu comprimento, e elles somente um pedaço, não ter visto em todo o que elles apregoam verem na parte.»

ACIDO CITRICO.

Não ha provincia alguma em Portugal, em que não se cultive o limoeiro, não nos consta porem tirar-se da sua cultura todo o partido possível, por serem apenas empregados os principios contidos no seu fructo em alguns usos de economia domestica, e pelos pharmaceuticos e fabricantes de perfumes em algumas de suas preparações, despresando-se a extracção em grande do seu acido, a que os chimicos deram o nome de *citrico*, do qual se faz tão grande uso em algumas artes industriaes, applicando-o em muitas operações.

Não é porem nossa tenção tratar de suas applicações, como materia prima, na industria, mas sim despertar a attenção dos proprietarios e cultivadores sobre a fabricacção do acido citrico, considerado como objecto mercantil, de que de certo hão de tirar avantajado proveito, exportando-o para Inglaterra, França e outros paizes, em que é empregado, com especialidade na estamparia de panninhos e cassas pintadas; commercio que outros povos fazem com reconhecido beneficio, pois só de Messina e de Syracusa se exportam annualmente para Trieste 12000 barris de gumo de limão, correspondendo a 75 pipas, medida de Lisboa. Se nos dermos á extracção deste acido para ser exportado tal qual, ou no estado de citrato de cal, de certo se augmentará o reddito das propriedades em que se cultivar o limoeiro; aproveitando-se de mais a mais essa grande porção de limões, que se perderia pela sua abundancia.

O limão não é o unico fructo que produz o acido citrico, outros mais da ordem dos acidos o fornecem, como o arando, *vaccinium myrtillus* de Lin. que entre nós cresce na serra do Gerez, a doce-amarga, *solanum dulcamara*, que se encontra no Minho, na

Beira e outras partes do reino, o *crataegus aria* que espontaneamente vegeta no Gerez, as groselhas, *ribes rubrum* e *ribes nigrum*, que entre nós se cultivam, posto que menos do que em França e Inglaterra; e outros mais, todos os quaes contem de mistura com o acido citrico outros acidos, e mormente o málico, que nos limões é menos abundante.

O acido citrico no seu estado de pureza apresenta-se em cristaes brancos, affectando a fórma de prismas obliquos, e contendo 18 por cento d'agua de cristallisação; elles não soffrem alteracção alguma da parte da atmospheria no seu estado ordinario, porem se forem expostos por muito tempo á influencia do ar perfeitamente secco, tornam-se opacos e mesmo pulverulentos, perdendo então metade da sua agua. Aquecendo-o brandamente, derrete-se na sua agua de cristallisação, sem se alterar, mas elevando-se muito a temperatura, então cora-se e transforma-se em um liquido escuro e mui acido, e neste estado por incapaz de se cristallisar não pode ser empregado na industria.

A sua fabricacção é mui facil, todavia deve-se attender a certas circumstancias para que o resultado seja feliz e de proveito, o que difficilmente se conseguirá, se o paiz for demasiadamente humido, e não houver abundancia de greda ou carbonato de cal. De mais como a natureza do gumo dos limões parece ser tão variavel como a dos vinhos, convem conhecê-la para não nos expormos a perda certa; recentemente espremido sempre parece bom, porem abandonado a si mesmo em temperatura elevada, dá o mais das vezes um liquido levemente acido, que fornece diminuta porção d'acido citrico.

O processo da fabricacção consiste em espremer os limões, saturar o seu gumo com o carbonato calcareo, decompor o producto ou o citrato de cal por meio do acido sulfurico, formando-se o sulfato de cal e separando-se o acido citrico, e finalmente proceder-se a uma cristallisação.

O gumo espremido abandona-se por algum tempo a si mesmo em logar fresco, para depor certa porção de mucilagem, o que se satura logo que se tornar limpido, lançando-se em um balceiro greda ou carbonato calcareo bem diluido em agua, a que se ajuncta pouco a pouco o gumo dos limões, havendo a cautella de constantemente agitar para que a saturação seja perfeita, e conduzindo a operação lentamente para que o liquido pela effervescencia não trasborde. Cessada que for a effervescencia, deixa-se depôr o citrato, decanta-se o liquido claro, e lava-se o precipitado em agua quente até se tornar perfeitamente claro e sem sabor, convindo, para facilidade da lavagem, coar tudo por peneira de cabello.

Tendo-se notado a exacta quantidade de greda empregada, toma-se, por cada 11 arrateis, 10 d'acido sulfurico a 66 graus Beaumé, que se diluirá com 61 arrateis d'agua: lança-se pouco a pouco o acido, cuja temperatura se acha elevada em consequencia da sua mistura com a agua, sobre o citrato, agitando continuamente para que não se agglomerem uma parte da materia, e melhor se obrará coando-se por peneira de cabello, antes de se haver empregado todo o acido.

Quando estiver proximo o ponto de saturação, o precipitado, a cada addição do acido, mais facilmente se fórma; mas devendo-se evitar um excesso d'acido sulfurico, este caracter não é sufficiente; filtra-se então nma pequena porção do liquido por papel, e ensaia-se com algumas gotas de um sal de barites; se o precipitado que se formar se dissolver quasi todo no acido nitrico, ainda se poderá ajunctar

novo acido, mas se deixar um residuo, deve-se suspender a operação.

O liquido tornado limpido, decanta-se, e lava-se repetidas vezes o residuo em agua fria; depois evaporam-se os liquidos reunidos, a calor brando, em caldeiras de estanho ou de chumbo, (*) ou em terrinas de barro mettidas no banho-maria. Operando-se em caldeiras, concentra-se o liquido até a densidade de 1.13, e lança-se depois em outras mais pequenas, que se aquecerão a banho-maria, até a consistencia de xarope, tendo-se então todo o cuidado para não se exceder o necessario ponto de concentração; neste estado o liquido se cobre uniformemente de uma pellicula solida; se se continuasse a evaporar, tudo se carbonizaria (Q).

O liquido bem depressa se converte em massa crystallina, umas vezes escura e outras sem côr, que se pode empregar na tinturaria; mas querendo os cristaes completamente puros, se dissolverão e farão crystallizar tres ou quatro vezes.

As aguas de lavagem muito córadas, apesar de conterem grande porção d'acido, difficilmente crystallisam; todavia pôde-se tirar dellas algum proveito, diluindo-as em 10 ou 12 volumes d'agua, e saturando-as com a greda com as precauções já mencionadas; por este modo se obterá nova porção d'acido tão bom como o da primeira operação.

Se em vez do acido citrico, se preparar o citrato de cal, para ser expedido por mar, se fará seccar com todo o cuidado e attenção, porque quando elle principia a seccar se agglomera em massas mais ou menos volumosas, quasi tão duras como a greda, e parecendo privadas d'agua; se fôr assim embarcado, immediatamente se desenvolverá calor tão sensível, que occasionará a alteração da massa.

O acido citrico fórma com a cal um sal soluvel; para se determinar a dóse do acido sulfurico, convem pois conhecer a quantidade de cal que o acido citrico retém no precipitado; o que facilmente se consegue, seccando certa porção de citrato, para se determinar a quantidade d'agua que contiver, e calcinando-o em um cadinho até chegar a rubro; a quantidade do residuo indicará a do acido sulfurico que se ha de empregar, seguindo a proporção de que 100 de cal exigem 170 d'acido sulfurico a 66 grãos. Se a calcinação não tiver sido levada ao ponto necessario, pôde haver o receio de que exista uma porção de carbonato calcareo, produzido pela decomposição do citrato; será pois conveniente, depois de se ter feito levemente candente a materia, trata-la a frio por um pequeno excesso d'acido sulfurico; este residuo calcinado novamente representará por 100 partes 42 de cal.

Duzentos e dezeseite arrateis de gúmo de limão produzem quasi 24 de citrato de cal, que pôde fornecer 12 ditos d'acido citrico crystallizado.

O acido citrico, bem como outras mais preparações, é susceptível de ser adulterado; com effeito assim se encontra algumas vezes no commercio misturado com o acido tartarico, por lhe ser muito semelhante. Conhece-se esta adulteração, lançando na dissolução do acido citrico outra concentrada de muriato de potassa [hydroclorato de potassa]; se feita a mistura, se formar um precipitado, se terá a prova de que o acido citrico se acha adulterado pelo acido tartarico.

F. J. P. Rubião.

A LEI SALICA.

Esta lei era a dos Francos na epocha em que invadiram e conquistaram as Gallias: com ella se confundem as leis d'outros povos barbaros quasi do mesmo paiz e tempo, e que parecem modeladas pela primeira. A lei salica tracta mui succintamente das materias civis, dos contractos e successões: quasi todas as suas disposições dizem respeito aos crimes mais frequentes entre os povos ainda meio-selvagens, como roubos, homicidios, injurias, violencias, &c. Mas posto que este codigo [se tanto lhe podemos chamar] comprehenda mui poucos regulamentos sobre successões é sabido que delle emanou o principio famoso de não succederem as mulheres á coroa de França, principio que foi depois uma regra fundamental d'aquella monarchia e que a livrou algumas vezes de sujeitar-se a sceptro estranho: o texto em que se funda, de que tanta gente falla e que tão pouca gente teu, é o artigo 6.º do titulo *dos Feudos*: é o seguinte: —“Nenhuma porção da terra salica passará ás fêmeas; mas pertencerá aos varões, isto é, aos varões que succedem a seu pae.” —

A palavra *sala* significava na lingua dos francos casa: e *terra salica* era a que rodeava a casa.—“Os Germanos [diz Tacito] não habitam cidades; não podem tolerar que as casas peguem umas com as outras: todos deixam á roda da casa um pequeno espaço ou chão fechado.”—O mesmo Tacito e Julio Cesar referem tambem que: as terras que os germanos cultivavam só lhes eram dadas por um anno, findo o qual tornavam a ser propriedade publica; por consequencia todo o seu patrimonio era a casa e o cercado em que estava. Esse patrimonio particular pertencia aos varões; e, com effeito, que razão havia para pertencer ás filhas, que pelos casamentos passavam a outra casa?—Assim como aquelles cercados foram a unica propriedade dos germanos, posteriormente os Francos, adquirindo novos prazos, continuavam a chamar a todos *terras salicas*. A lei, que chamava os varões á posse dos bens paternos, era uma lei civil: de futuro, por extensão e por analogia, foi applicada á successão ao throno e converteu-se em lei politica. Montesquieu, em seguida d'alguns desenvolvimentos ácerca das applicações do citado artigo acrescenta —“Pelo que acabamos de dizer não se acreditaria que a successão pessoal dos varões á coroa de França proviesse da lei salica; é todavia indubitavel que d'ahi vem, e o provo pelos diversos codigos dos povos barbaros. A lei salica e a lei dos Borgonhezes não deram ás filhas o direito de herdarem as terras igualmente com seus irmãos, tambem lhe negaram o de successão á coroa. Pelo contrario a lei dos visigodos admittiu as filhas á herança conjunctamente com seus irmãos, e habilitou as mulheres para succederem á coroa. Nestes povos, a disposição da lei civil produziu a lei politica.” —

A AGRICULTURA.

A CULTURA da terra, que atrae o principal cuidado dos homens, e é conhecida e praticada sómente por aquelles povos que já teem chegado a um certo gráo de civilização, deve com toda a justiça ser considerada como arte liberal, que tende a promover o maior bem da sociedade. A agricultura não sómente exige conhecimentos do processo maquinal da lavoura, ceifa, colheita, &c., mas tambem noções da astronomia, para na devida estação pôr em prática os necessarios trabalhos, e estudo para conhecer quaes as sementes e plantas que se devem lançar á terra; a

(*) Operando-se em caldeiras de chumbo, não se deve deixar resecar nellas o liquido.

(Q) Durante a evaporação, precipita-se algum citrato, ou potassa de cal, que se separará pela decantação.

natureza e propriedades dos diversos terrenos, e a manipulação que elles demandam, e bem assim quaes os arbustos e hervas que o solo espontaneamente dá. O agricultor instruido deve fazer experiencias sobre as differentes producções e colheitas que as suas searas podem dar-lhe, para aproveitar todo o seu prestimo, e assegurar uma boa novidade cada anno, sem comtudo enfraquecer as terras: deve conhecer perfeitamente do prestimo e defeitos das differentes especies de gados, a maneira de os crear, e de servir-se delles com vantagem, as doenças a que estão sujeitos, o methodo proprio de cural-as—tudo isto se deve estudar por principios theoricos, corroborados pelos dictames da experiencia.

Taes são alguns dos importantes deveres do agricultor que se applica á cultura da terra como arte liberal, que olhada por este lado deve com toda a justiça ser apreciada como occupação da maior importancia, e a mais digna do acolhimento e protecção dos que exercem os elevados cargos da sociedade. Os romanos faziam tanto apreço della, que um dos seus mais celebres generaes, Cincinnato, foi chamado da lavoura das suas pequenas terras, e largou o arado para empunhar a espada do commando do exercito da republica, e dirigir os negocios do estado como dictador absoluto. Em epochas mais modernas ha tambem exemplos do quanto a agricultura tem merecido a attenção dos que governam. Bem conhecida é a protecção e impulso que neste reino lhe deu elrei D. Diniz, que por isso é, e será sempre conhecido pelo honroso titulo de *rei lavrador*. — Jorge 3.^o rei de Inglaterra favoreceu a agricultura com o maior fervor; e ainda hoje o imperador da China todos os annos, segurando no arado com a propria mão, abre um rego, para que os mais nobres dos seus vassallos não deixem de prestar a esta arte os cuidados que lhe são devidos.

Esta industria, que constitue o principal thesouro dos povos civilizados, não deve ser abandonada ás mãos do homem grosseiro do campo, que não sabendo ler faz-se escravo de todos os prejuizos e absurdos vulgares por causa da sua crassa ignorancia; mas deve ser dirigida por quem saiba e queira assiduamente preencher os encargos scientificos que demanda. Nenhuma das artes, denominadas liberaes, póde dispensar conhecimentos profundos e variados para ser cultivada. Entre nós ha escholas, collegios e aulas para toda a qualidade de estudos, alguns dos quaes de pouco ou nada servem, e deixa-se esta occupação, que é a base da existencia das sociedades, nas mãos de pessoas ignorantes, que nunca se afastam da rotina em que foram creadas, por não terem penetração e animo bastante para se adiantarem. Ninguem póde marcar os limites á fecundidade da terra, que sempre retribue ao lavrador em proporção dos desvelos com que é tractada. Não padece duvida que se os agricultores fossem educados para tal profissão com todos os elementos necessarios, não se entregando á ociosidade, e havendo sociedades poderosas que promovessem este importante ramo de industria, a terra poderia sustentar abundantemente todos os seus filhos, e evitar-se-iam dois grandes males que nas sociedades civilizadas são de terriveis consequencias — a fome, e o crime.

Dir-se-ha que presentemente em toda a parte se dá grande impulso á agricultura; que todos os dias se estão fazendo experiencias neste ramo, para que se não poupam despezas; mas que pela maior parte falham: porem devemos attender a que outro tanto succede em qualquer arte ou sciencia, pela simples razão de que não é possivel chegar de repente á métn da perfeição; e que só repetindo as experiencias se

póde alcançar a coroa de um resultado feliz. Ora sendo certo que os esforços d'individuos em particular teem sido cabalmente recompensados com prosperos successos, quando pretendem augmentar a fertilidade da terra, quanto mais não faria uma instituição nacional, destinada para este fim, dirigida por professores habéis em todos os conhecimentos precisos a um perfeito agricola. Seria conveniente destinar terrenos de varias qualidades para fazer estas experiencias, recolhendo cuidadosamente os resultados, e quando falhem, procurar investigar as causas quanto possivel seja, e repetir os ensaios até se conseguir o desejado melhoramento. Não adoptando este plano, os nossos lavradores contentar-se-hão com as perdas ordinariamente causadas por sua ignorancia propria, que os faz regeitar todos os methodos e inventos novos, pela simples razão de nunca os terem visto usados: mas se os lavradores, principalmente os opulentos, recebessem uma educação conveniente, e fossem versados nos ramos scientificos de que depende a sua profissão, não luctariam frequentemente com um sem numero de obstaculos, que tantos prejuizos lhes causam, sem que possam precave-los, ou remediar-lhes as consequencias.

EPICURISMO NA MORTE.

O DUQUE de Biron ouviu com inalteravel serenidade d'animo a sua sentença de morte, proferida pelo tribunal revolucionario, de 1793; voltando á prisão conservou o mesmo epicurismo e indifferença que o distinguiam em tempos de sua felicidade: pediu logo umas ostras e vinho branco, e quando estava tomando a extrema refeição entrou o algoz. — «Amigo, [disse para este o duque] acompanhar-vos-hei; mas espero que me deixareis acabar com estas ostras. O trabalho que ides fazer requer forças, tomareis portanto comigo um copo de vinho.» Encheu então um copo para o algoz, outro para o carcereiro, e outro para si: tendo bebido caminhou para o logar da execução, onde soffreu a morte com a firmeza que distinguio a maior parte das victimas daquella horrivel epocha.

O CRIME poderá alcançar esplendor temporal, mas nunca póde conferir felicidade real. As más consequencias do delicto sobrevivem muito ao acto, e perseguem, como os espectros dos assassinados, os passos do malfetor. Os caminhos da virtude, posto que raras vezes sejam vehiculos da grandeza mundana, sempre o são da paz e jucundidade do animo.

Walter Scott.

Chammas de varias côres. — Deita um pouco d'acido boracico n'uma colherada d'aguardente forte, mexe bem a mistura n'uma taça ou pires, lança-lhe fogo e verás sahir uma chamma de bellissima côr verde. Ajunctando strontites em pó á aguardente, a chamma será côr de carmim: porem se a mistura for feita com barytes, arderá a chamma de côr amarella, e se com muriato de magnesia, a côr será amarella-avermelhada.

QUANDO encontro um pobre agradecido, capacito-me de que o tal seria generoso se fosse rico. — *Swift.*

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo
N.^o 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE,